

improp

— associação dos estudantes de ciências —

□ QUE É A COMISSÃO DE CURSO?

□ QUE É O IMPROP DE CURSO?



TORRE
TOMBO

Em todos os cursos, os estudantes têm determinados problemas que os afetam directamente.

No nosso caso, Eng^{as}, temos problemas como, por exemplo, as faltas e a afinação da matéria, que nos atingem a todos, e outros como o da Introdução aos Computadores (em que no ano passado reprovaram 2/3 aproximadamente, em cada época, apesar de no Técnico, pelo seu fraco interesse, ser de borla), que só dizem directamente respeito aos estudantes dessa cadeira.

Sendo estes problemas colectivos, só colectivamente os podemos resolver correctamente; para isso organizamo-nos em estruturas abertas, ou seja, em que todos os estudantes podem e devem trabalhar: as Comissões de Curso.

São as Comissões de Curso, portanto, as estruturas primárias de organização dos estudantes da Faculdade. Elas são, durante o ano e em primeira fase, o modo organizado de nós discutirmos os nossos problemas de Curso, elas são um dos meios de que dispomos para estarmos ligados permanentemente aos problemas gerais da Faculdade.

Nas Comissões de Curso tratamos, pois, dos problemas que nos surgem no dia a dia na Faculdade, de maneira a sistematizar o seu estudo e resolução.

Daí que seja a partir delas que se formam as estruturas provisórias que é necessário criar em determinadas situações como as comissões de turma, os piquetes de informação ou de greve, as equipas de trabalho, etc.

Constituídas pelos estudantes mais interessados em solucionar os problemas que surgem, as comissões de curso são acima de tudo estruturas de trabalho.

REUNIÃO DA COMISSÃO DE CURSO

QUARTA-FEIRA À TARDE

lho: informam-se sobre o que se passa na Faculdade, analisam a situação, formam os outros colegas organizando para isso piquetes de informação às turmas, a feitura de cartazes e do jornal de curso; são elas também que convocam e param as reuniões de curso. Preparar a reunião é discutir a ordem do trabalho (ou seja, os pontos fundamentais a tratar aí) e a proposta mais correcta a apresentar (aquela que vai mesmo defender os interesses do curso); assim, a reunião será mais proveitosa e não se alongará demasiadamente.

Na reunião de curso, discute-se sobre a situação e sobre as propostas apresentadas até as pessoas estarem todas esclarecidas. Decide-se então a acção a ter face a esse problema do curso.

Após a decisão os estudantes precisam de garantir o seu cumprimento e para isso organizam-se de novo a partir das comissões de curso.

Para que um problema seja conscientemente resolvido é necessário que os estudantes tomem uma atitude critica face a todas as situações, perspectivem o problema e a orientação da sua resolução, lhes forneçam os dados todos e promovam amplas discussões que vão permitir a todos os estudantes saber o que são e quem serve de modo a que possam decidir o que querem ser efectivamente e quem querem servir.

A experiência dos ultimos anos mostra que nenh^{um} dos problemas dos vários cursos surge por causas isoladas, antes se viu, pelo contrário, que todos eles tinham a mesma raiz. É por esta razão que, neste momento, para dedicarmos conseqüentemente os nossos esforços na resolução dos problemas imediatos é preciso fazer parar e recuar o Governo na sua investida porque esta surge para impedir os estudantes de defenderem os seus interesses dum modo conseqüente. É fazê-la recuar é lutar pela libertação dos nossos colegas e pela anulação das suspensões; é garantir na prática a liberdade de reunião e de informação.

A importância dum jornal de curso vem da necessidade de alertar todos os estudantes sobre os problemas que se levantam no curso e a sua relação com os outros, mais gerais, de toda a Faculdade; Existe para levar a todos os estudantes o que é feito nas comissões de curso e as decisões que se tomam em Reunião de Curso.

Porque ele não passa por qualquer censura do C.E. ou dos professores, porque ele é — e deve ser — feito por nós, é necessário que malta de todas as turmas trabalhe nele e que ele seja discutido.

O QUE FOI E O QUE É A NOSSA LUTA

Num país como o nosso, onde uma minoria explora e oprime a grande maioria da população, o Ensino há-de estar necessariamente sob o domínio daquela minoria, portanto ao serviço dela.

Os estudantes ao depararem-se com esta realidade, têm sempre reagido contra ela.

Os estudantes de Ciências, em particular, decidiram, ao aprovarem o actual programa de trabalho associativo, dirigir a sua luta para a conquista dum Ensino que esteja, de facto, ao serviço do Povo (ensino esse que, como é evidente, só se conquista completamente quando as relações de poder na Sociedade forem radicalmente diferentes).

Na nossa vida de estudantes, nós deparamos frequentemente com determinadas coisas que "não estão bem", "não estão certas", parecendo à primeira vista aberrações do nosso Ensino. Mas, ao analisarmos os problemas, vemos que essas pequenas contradições quotidianas resultam da própria natureza do Ensino, o qual deve manter determinadas características, para continuar a servir quem serve.

É assim que, não raras vezes, se nos deparam professores autoritários, impondo as suas ideias (reaccionárias, dum modo geral) a tudo e a todos. Analisando as atitudes desses professores, os estudantes acabam por descobrir que

Em por o em sen. E sen. Em 70/71 dividido notáv Ele não s

ação em por objectivo a perpetuação deste ensino autoritário, ao serviço dos
 O às tuas. E senão vejam-se "professores" como o Romeu, o Renato, etc. a reprimirem
 vocam e pro-ramente os estudantes quando estes adoptam uma prática de desmistificação des-
 ctaria a - te ensino.

Em 70/71 e 71/72, na Engenharia, havia um tal "professor" Passos Coelho, in-
 dividuo notável pelas suas actividades policiais.

Ele não se contentava em chumbar 90 e tal % dos alunos; ele proibía que se
 desse qualquer informação nas "suas" aulas (chegou a agredir estudantes de um
 piquete recobendo, contudo, a devida resposta); ele arrancava cartazes; afixava
 às 30 páginas de matéria em qualquer dia que houvesse greve (nos outros dias só
 conseguia dar 5 ou 6 páginas); ele ameaçava-nos com processos e chegou mesmo a
 fazer denúncias de estudantes à policia. Foi organizando-nos colectivamente na
 Comissão de Curso que conseguimos lutar contra o Passos Coelho, impedindo-o de
 dar mais qualquer aula. (Este ano já cá não está).

Com a entrada da Reforma, o Governo pretende acelerar o nosso ritmo de estu-
 do. Isto porque os estudantes não se sentem motivados a estudar a maioria das ca-
 deiras pelo seu fraco interesse. É por isso que as autoridades "invadem" com a
 intensificação das faltas e com os testes-"rebuçado", que nos obrigam a marrar
 diariamente. Assim o Governo pretende "enriquecer-nos" com quilos de matéria que
 teríamos de marrar, claro, sem termos o mínimo control sobre essa matéria, sobre
 o modo como é dada. O objectivo da Reforma é, em suma, manter-nos num espírito
 passivo, acrítico, isto é, tornando-nos verdadeiros "carneiros" que, futuramen-
 te, iriam, muito modernizados com os conhecimentos encaixados, ser estupendos
 Técnicos empenhadíssimos no bom funcionamento das fábricas e das empresas, ou
 melhor, no enchimento dos bolsos dos grandes patrões. É por isso, por a Reforma
 que eles nos querem impingir não servir os interesses da população trabalhadora
 que os estudantes têm lutado contra ela.

Em 70/71, com a entrada da Reforma, a cadeira de Desenho e Métodos Gráficos
 I e II passou a ter testes e exame final. Os alunos desta cadeira, depois de te-
 rem discutido sobre o seu conteúdo, chegaram à conclusão de que os testes e o
 exame final não se justificavam, inclusivé, devido ao carácter essencialmente
 prático que a cadeira deveria ter. Apesar da resistência dos professores - com
 a "professora" Barahona à cabeça - os estudantes não esmoreceram acabando por de-
 cretar, perante a não cedência das autoridades, boicote às aulas teóricas; e mais
 tarde, greve a 100% aos testes e exame final; e ameaçando boicotar todas as au-
 las práticas (que ainda existiam por, até aí, cumprirem as nossas condições). As
 autoridades, perante a nossa força não tiveram outro remédio senão ceder.

Também no mesmo ano, foi organizando-nos colectivamente que conseguimos
 impôr as nossas justas posições no caso da Mecânica, no qual o C.E. nos queria
 ludibriar não dando resposta às questões que nós punhamos, chegando os catedrá-
 ticos a fugir à frente dos estudantes e a trancar as portas, esquivando-se ao
 tão apregoado (por eles) diálogo. Os estudantes do 2º de Engenharia — face
 às arbitrariedades de um C.E. posto na Faculdade para tudo menos servir os nos-
 sos interesses — resolveram em peso não aceitar o exame de Mecânica. Mais uma
 vez a nossa organização na Comissão de Curso deu os seus frutos.

Quanto aos testes e as faltas, os estudantes lutaram no ano passado, por
 testes que não tivessem as referidas funções, mas sim que tivessem uma função pe-
 dagógica, que permitissem ao aluno aperceber-se que partes da matéria ele não ti-
 nha apreendido bem e mesmo para o prof. saber quais as questões não muito bem ex-
 postas (ou simplesmente mal expostas).

Mas não só na Engenharia isto acontece. Também nos outros cursos tem ha-
 vido intensas lutas. Basta recordar as lutas da Física Laboratorial, ou da Físi-
 ca da Matéria em que os estudantes de Matemática conseguiram acabar com uma ca-
 deira que não tinha qualquer interesse para eles...

Foi por se terem posto à frente de todas estas nossas lutas que o C.E. -
 - Governo prendeu e suspendeu os nossos colegas. Estas prisões e suspensões
 não apareceram portanto isoladas. Elas são a tentativa desesperada do Governo
 de travar as nossas justas lutas de há dois anos para cá, por um ENSINO AO SER-
 VIÇO DO POVO.

Seres au-
s sem info-
da Universi-
e suspen-
quem

Mas, perguntar-se-á, não é verdade que existem problemas com as matérias, os professores, problemas como o das faltas, da afixação de matéria e das folhas (por exemplo)? Não é verdade que estes (e outros) problemas levantados principalmente pela Reforma do Ensino terão de ser resolvidos e quanto mais cedo melhor?

É claro que sim. A questão está em perceber muito bem que neste momento a luta pela resolução dos nossos problemas pedagógicos passa pela luta pela libertação dos nossos dirigentes e pelo levantamento das suspensões aos nossos colegas. E passa porquê? Porque quando as autoridades (Académicas e Governamentais) tentam aniquilar o nosso Movimento procurando atingir-nos na nossa organização, afastando injustamente da Faculdade, do nosso convívio, das nossas aulas, alguns dos nossos colegas mais activos, não lhes permitindo discutir connosco os problemas que são de todos nós, deveremos responder com o reforço da organização reagrupando as nossas forças. E este reforço, este reagrupamento, consegue-se por um lado lutando pela reintegração dos nossos colegas e por outro reestruturando as Comissões de Curso, base primária da nossa organização.

A luta pela reintegração dos nossos colegas passa neste momento, como já se disse, pela campanha de esclarecimento e discussão junto de todos os nossos colegas — e por isso devemos ir para as equipas de informação e trabalho citadas atrás.

A reestruturação da Comissão de Curso de Engenharia deve-se entender, nesta fase inicial, pela obtenção de dados sobre a situação do curso (desde os horários das turmas aos problemas pedagógicos que de momento mais nos preocupam), pela informação sistemática do que se passa no nosso curso, pela organização das folhas e pela integração no trabalho de curso de um maior número de colegas nossos.

Aprendamos com os erros cometidos!

Uma luta só pode ser vitoriosa se assentar numa organização sólida!

Organizemo-nos, nas turmas, no curso, preparemo-nos para travar uma luta decisiva e vitoriosa!

TODOS À COMISSÃO DE CURSO !


TORRE
TOMBO